

Alberto

Alberto tinha seis annos. Era filho de um jardineiro. Via seu pae e seus irmãos, que eram activos e laboriosos, plantar arvores e fazer sementeiras, que nasciam, cresciam e davam fructo. Tinha visto um unico feijão produzir cem feijões e muitas vezes mais, e de uma talhada de batata nascerem quarenta batatas magnificas; sabia que a terra pagava com juros exorbitantes o que lhe emprestavam. Um dia achou uma libra no quarto do pae, e foi enterral-a immediatamente no seu jardimzinho. «Ha de nascer uma arvore, dizia elle comsigo, que dará libras como uma cerejeira dá cerejas, e irei entregal-as ao papá, que ficará muito contente.» Todas as manhãs ia ver se a libra tinha nascido, mas não rebentava nada. Entretanto o pae procurava a libra por toda a parte. Por fim perguntou ao Albertinho se a tinha visto.

«Vi papá; achei-a e fui semeal-a.»

«Como, semeal-a? doido! julgas talvez que vae nascer como uma couve?»

«Mas, papá, ouvi dizer que o oiro se encontrava na terra.»

«É verdade, mas não nasce como uma semente; o oiro não tem vida.»

Desenterrou-se a libra, e Alberto foi castigado por dispor do que lhe não pertencia.

Ha comtudo, meus filhos, uma maneira de semear o oiro, fazendo-lhe produzir os mais bellos fructos que existem no mundo. Quereis saber como é? é dando-o aos pobres. Faz-se no Paraizo a colheita d'essa sementeira.